

Candidaturas religiosas crescem 40% e alcançam maior número em 20 anos

Candidaturas religiosas no RS têm maior número em 20 anos

Aumento de 40% neste pleito em relação ao de 2018 é puxado por nomes evangélicos. Nos de matriz africana, ficou estável

MARCEL HARTMANN
marcel.hartmann@zerohora.com.br

O Rio Grande do Sul terá nestas eleições 21 candidatos assumidamente religiosos para votar, alta de 40% ante o pleito anterior e o maior em 20 anos, mostram dados do Tribunal Superior Eleitoral (TSE) analisados por GZH. O crescimento é puxado por nomes evangélicos, que avançaram 45% desde a eleição de 2018.

A análise considera todos os milhares de candidatos a cargos públicos nas eleições gerais de 2002 a 2022 que declararam relação a alguma religião no nome da urna – isto é, na nomenclatura que aparece na urna e em santinhos distribuídos aos eleitores. Os dados foram analisados de acordo com o informado por concorrentes até a última sexta-feira.

O crescimento de candidaturas evangélicas entre 2018 e 2022 foi o maior, de 45%. Já o número de nomes de matriz africana se estabilizou. Nestas eleições, há apenas um candidato católico, que se apresenta como frei.

Para chegar às candidaturas religiosas, GZH filtrou apenas candidatos cujos nomes de urna trouxessem palavras ligadas a alguma religião, como “pastor(a)”, “missionário(a)”, “bispo(a)”, “padre”, irmão(ã), “frei/freira”, “pai de santo”, entre outros.

A análise foi feita sobre nomes de urnas porque é a forma como candidatos se apresentam e quem ser vistos pela população. A escolha de se apresentar como pastor, padre ou pai de santo, explicam cientistas políticos, está relacionada ao objetivo do concorrente de ser identificado por parcelas do eleitorado atreladas a essas religiões. Nas últimas duas décadas, as siglas que mais abrigaram nomes religiosos foram PTB, PSC e PSDB.

O número total de candidaturas religiosas é pequeno frente ao total de quase 1,4 mil candidatos no RS aos cargos de deputado estadual, deputado federal, senador e governador em 2022, mas o contínuo crescimento ao longo do tempo indica tendência de avanço da religião na política, fenômeno visto também em nível nacional.

Especialistas lembram que o

Brasil vem se tornando, ao longo dos anos, mais evangélico e menos católico. Pesquisa do Datafolha de junho mostrou que 51% da população é católica, 26% é evangélica e 1% é umbandista. Em 2000, eram 64% católicos, 15,4% evangélicos e nem 0,5% da umbanda, segundo o censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

História

Em grande parte da história do Brasil, a religião católica era a única oficial, cenário no qual bispos e padres atuavam na política como ministros ou mesmo chefes de Estado – basta lembrar do período regencial, quando o padre Diogo Feijó chefiou o Império enquanto D. Pedro II era menor, lembra Reginaldo Prandi, professor de Sociologia na Universidade de São Paulo (USP) e autor de diversos livros sobre sociologia da religião.

Quando o Brasil se tornou república, o Estado virou laico – ou seja, o governo se comprometeu em ser imparcial com qualquer religião. Mas, na eleição da bancada que formulou a Constituição pós-ditadura, igrejas evangélicas entraram na política para regular as pautas de costumes na legislação.

– Como o Brasil era quase totalmente católico e a religião estava separada do Estado, a religião apitava pouco na eleição. Mas, se um terço da população se converteu a religiões evangélicas e grande parte dessas religiões adotou a posição de participar da política, o cenário muda completamente. Ninguém sabia qual era a religião dos políticos. Agora, você sabe porque muitos usam a igreja como máquina eleitoral – diz o sociólogo.

Outra pesquisa do Datafolha, também de junho, mostrou que apenas 20% dos brasileiros afirmam ouvir instrução sobre voto nas igrejas.

A Constituição assegura que pessoas de qualquer credo possam concorrer a cargos públicos, portanto não há impeditivo para sacerdotes concorrerem. Mas o crescimento de candidaturas religiosas, alertam cientistas políticos, pode trazer como risco a ameaça ao Estado laico.

– Uma coisa é perceber a religião

como manifestação cultural e como direito de representatividade. Outra é a religião, seja qual for, usar a política como forma de imposição de seus princípios morais para o resto da sociedade – diz Cristiana Engelke, professor de Ciência Política na Universidade Federal de Rio Grande (Furg).

Os 21 concorrentes religiosos no Estado postulam, em sua maioria (66%), vaga na Assembleia Legislativa – o restante busca atuar na Câmara dos Deputados, em Brasília.

O crescimento das candidaturas religiosas anda ao lado do aumento de candidaturas da segurança pública, que avançaram 28% no RS, como mostrou GZH na semana passada. As duas bancadas formam, ao lado de representantes do agronegócio, a chamada bancada BBB (Boi, Bala e Bíblia), ligada a pautas conservadoras e uma das maiores do Congresso.

Um olhar ao longo do tempo mostra que, nas últimas décadas, candidatos evangélicos estiveram mais presentes do que de outros credos – concorrentes com nomes como “bispo”, “missionário” e “pastor” são os mais comuns e os que mais ganham força no Rio Grande do Sul.

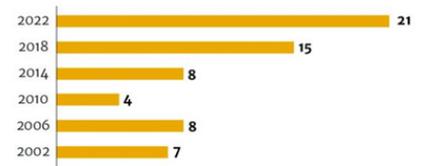
Candidaturas ligadas ao catolicismo, por exemplo, nem sequer marcam presença nas eleições de 2006, 2010 e 2018. Já concorrentes de matriz africana começam a se fazer presentes em 2014, cresceram e se estabilizaram.

Todos os grupos têm direito a participar da política, mas é perigosa a ideia em certos setores da política com base religiosa de que é preciso reconstruir o Estado sob uma única fé, pontua Joscimar Silva, diretor da Associação Brasileira de Pesquisadores Eleitorais e professor de Ciência Política na Universidade Federal do Piauí (UFPI).

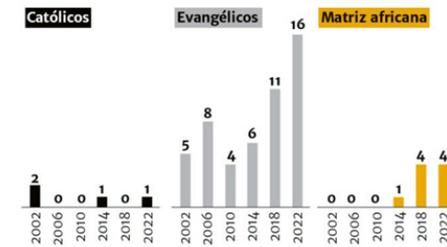
– Não se deve retirar de evangélicos o direito de se candidatar. Mas, quando há uma perspectiva autoritária de um “terrivelmente evangélico” ou de se pensar que é necessário reconstruir o Estado brasileiro a partir de uma visão religiosa e conservadora, há riscos de retirar conquistas de direito de algumas minorias sociais em nome de um posicionamento religioso – alerta o pesquisador.

Os números

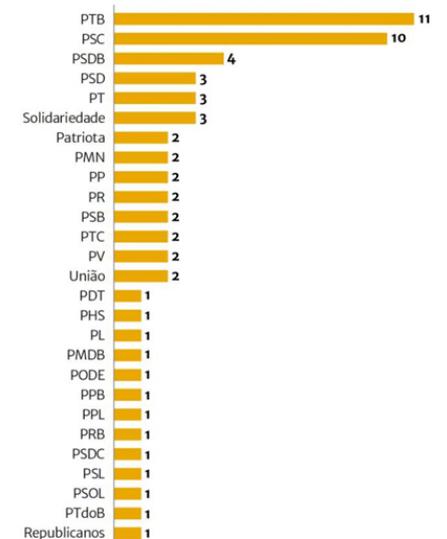
Número de candidaturas religiosas atinge maior número em 20 anos no RS



CANDIDATOS EVANGÉLICOS SÃO OS QUE MAIS CRESCEM NO RS



OS PARTIDOS COM MAIS RELIGIÃO



Fonte: análise de GZH com base em dados do TSE. Obs.1: estatísticas consideram nomes de urna que contenham profissões ligadas a religiões, como padre, pastor e pai de santo. Obs.2: os gráficos não guardam proporção entre si.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

Seção: Eleição 2022